

Silvana Comunian

Soares

(USCS)

Alan César Belo

Angeluci

(USCS)

Adriana Barroso

Azevedo

(Umesp)

***Phubbing* e mídias  
móveis na escola: reflexos  
no comportamento  
comunicacional de  
nativos digitais**

**Phubbing and mobile  
media at school:  
reflections on  
communicational behavior  
of digital natives**

**Phubbing y medios  
móviles en la escuela:  
reflejos en el  
comportamiento  
comunicacional de  
nativos digitales**

## RESUMO

Sob o enfoque da expansão das mídias móveis no contemporâneo, cujos reflexos indicam a instauração de uma nova cultura digital permeada pela prática de *phubbing*, esse estudo se dispôs à compreensão das particularidades relacionadas aos usos e apropriações das principais mídias móveis utilizadas por nativos digitais brasileiros. A metodologia abrangeu pesquisa de campo, com coleta de dados quantitativos, a partir de questionário aplicado em Escola Pública, localizada em São Paulo, Brasil. Como principais resultados, esse estudo identificou um nativo digital altamente conectado que faz uso acentuado de dispositivos móveis (60% desse uso ocorre na escola durante as aulas) e busca por alternativas diferenciadas de aprendizagem; disposto ao novo, são *phubbers* involuntários e que não visualizam sua escola e professores como adaptados à esta nova realidade digital.

**Palavras-chave:** *Phubbing*, Nativos digitais, Comportamento comunicacional, Dispositivos móveis em sala de aula, Educação e Tecnologia.

## ABSTRACT

With the focus on the expansion of contemporary mobile media, reflecting the establishment of a new digital culture permeated by the practice of *phubbing*, this study was prepared to understand the particularities related to the uses and appropriations of the main mobile media used by Brazilian digital natives. The methodology covered field research, with quantitative data collection, from a questionnaire applied at Public School, located in São Paulo, Brazil. As the main results, this study identified a highly connected digital native that makes sharp use of mobile devices (60% of this use occurs in school during classes) and search for differentiated learning alternatives; willing to the new, are involuntary *phubbers* and who do not visualize their school and teachers as adapted to this new digital reality.

**Keywords:** *Phubbing*, Digital natives, Communicational behavior, Mobile devices in the classroom, Education and Technology.

## RESUMEN

Bajo el enfoque de la expansión de los medios móviles en el contemporáneo, cuyos reflejos indican la instauración de una nueva cultura digital permeada por la práctica de *phubbing*, ese estudio se dispuso a la comprensión de las particularidades relacionadas a los usos y apropiaciones de los principales medios móviles utilizados por nativos digitales brasileños. La metodología abarcó investigación de campo, con recolección de datos cuantitativos, a partir de cuestionario aplicado en Escuela Pública, ubicada en São Paulo, Brasil. Como resultado, este estudio identificó un nativo digital altamente conectado que hace uso acentuado de dispositivos móviles (60% de ese uso ocurre en la escuela durante las clases) y busca alternativas diferenciadas de aprendizaje; que es el nuevo, son *phubbers* involuntarios y que no visualizan su escuela y profesores como adaptados a esta nueva realidad digital.

**Palabras clave:** *Phubbing*, Nativos digitales, Comportamiento comunicacional, Dispositivos móviles en el aula, Educación y Tecnología.

Submissão: 12-3-2020

Decisão editorial: 4-10-2020

## Introdução

A disseminação das tecnologias de comunicação associada ao maior acesso dos indivíduos aos computadores, telefones celulares, tablets e afins tem marcado a formação formal e não-formal de nativos digitais. A evolução tecnológica, por sua vez, não está restrita unicamente à aquisição e manipulação de recursos tecnológicos, mas principalmente pela alteração comportamental preconizada por uma transformação social e cultural inédita. Essa transformação incitou a chamada cultura digital, atingindo diversas instituições e espaços sociais. A escola é um dos espaços de convivência fundamentais dos nativos digitais, e que enfrenta o desafio de incorporar novas demandas sociais em suas práticas; importantes alterações cotidianas decorrentes do uso de tecnologias de informação e comunicação não podem ser ignoradas, pois os reflexos nos comportamentos comunicacionais, práticas e saberes de alunos e professores tem gerado conflitos e tensões.

O neologismo *phubbing* (junção das palavras inglesas *phone* e *snub*) refere-se aos efeitos do ato de ser ignorado em situações de interação presencial por conta de atividades realizadas no telefone celular (ANGELUCI; HUANG, 2015). Nesse tocante, o presente objeto de estudo permeou a investigação do fenôme-

no *phubbing* entre nativos digitais, dentro do contexto escolar, especificamente na relação professor-aluno, por motivação de achados já descritos em estudos anteriores e que instigaram um aprofundamento investigativo nesse cenário (PASSARELLI; JUNQUEIRA; ANGELUCI, 2014; ANGELUCI; GALPERÍN, 2014; ANGELUCI; HUANG, 2015; PASSARELLI; ANGELUCI, 2018).

O campo de observação está restrito a alunos de escola pública do Estado de São Paulo, Brasil. Este estudo prestou-se à compreensão e descrição do fenômeno *phubbing*, instituído como elemento presente nas relações contemporâneas comunicacionais e com origem a partir do avanço tecnológico experimentado pelas sociedades. Especificamente, contemplou aspectos relacionados ao perfil do jovem aluno nativo digital e sua relação vivenciada com a tecnologia, variantes para o uso do celular na escola e, ainda, análises de como esse dispositivo pode interferir nos relacionamentos comunicacionais interpessoais, lidando com suas expectativas, consequências e atenuantes.

## **A era dos hiperconectados**

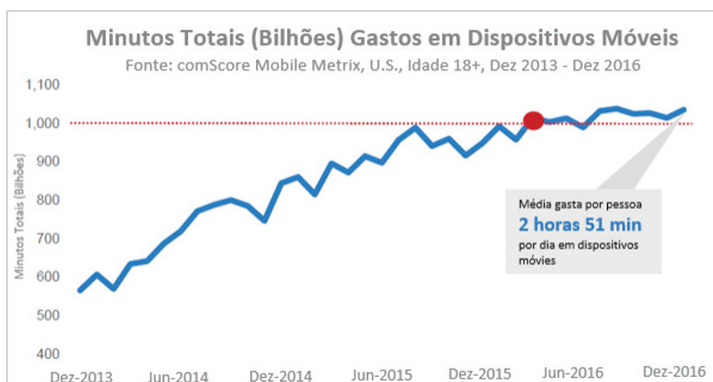
A virtualização preconizada por Pierre Lévy nos fim do século XX ganhou contornos inéditos no primeiro quarto do século XXI. Esses contornos situam-se no contexto de um mundo midiaticizado, cuja convergência de mídias tradicionais e novas tem influenciado as relações humanas, as instituições sociais e os imaginários culturais, moldando novos padrões de interação (HJARVARD, 2013). Floridi (2015) chama esse novo momento de era da hiperconectividade, que demandaria profundas reflexões sobre a alta exposição à conexão.

Um dos prontos de destaque refere-se à percepção de tempo-espaço cada vez mais próxima à experiência do “contato perpétuo”, preconizada por Katz e Aakhus já no início dos anos 2000 (KATZ; AAKHUS, 2004). Os autores descrevem a inevitável necessidade da conexão permanente – ou seja, manter-se *on-line* sob quaisquer circunstâncias, não importando o local físico e seu entorno, fazendo, inclusive, uso de plataformas diferenciadas. Eles apontam as mídias móveis como propulsoras desse comportamento na sociedade contemporânea, cuja necessidade do virtual perene reflete um comportamento individualista a partir de um novo arquétipo social, no qual elementos de alto valor da vida humana e interações presenciais são preteridos ao universo virtual. Tão logo a “amizade, intimidade, família e os vizinhos deixam de ser as principais fontes de significado, e tornam-se os objetos de deliberação de mais um domínio da realidade”. (KATZ e AAKHUS, 2004, p. 232. Tradução nossa). A profundidade, sentido e qualidade das relações também pode ser modificada com a prevalência de relações horizontais nos universos virtuais, como já diagnosticava Lévy há algumas décadas: “cada novo sistema de comunicação e de transporte modifica o sistema das proximidades práticas, isto é, o espaço pertinente para as comodidades humanas” (LÉVY, 1996, p. 9).

A fim de embasar a linha dos autores Katz e Aakhus, uma rápida observação sobre o consumo de dispositivos móveis e mídias digitais indica que, até o final de 2016, a média de consumo de mídia digital, por dia e por pessoa, alcançou 2h51min (Figura 1). O aumento exponencial do consumo dessas mídias relaciona-se diretamente com a ampliação de uso de

aparelhos celulares pelas sociedades, cujo consumo mais que dobrou em relação aos números do último triênio. A portabilidade de informação proporcionada por tais dispositivos, afirma sua vertiginosa ascensão frente aos equipamentos tradicionais (como computadores de mesa e *notebooks*), como demonstrado nos estudos de Passarelli e Angeluci (2018). Outrossim, essa jornada consumista ainda pode atingir números exponenciais nos próximos anos, atingindo mensalmente trilhões de minutos, e perfazer uma marca histórica para a tecnologia digital, ultrapassando grandemente os momentos áureos da Internet, vivenciados por meio dos *desktops* (COMSCORE, 2017).

**Figura 1 – Consumo de dispositivos móveis**

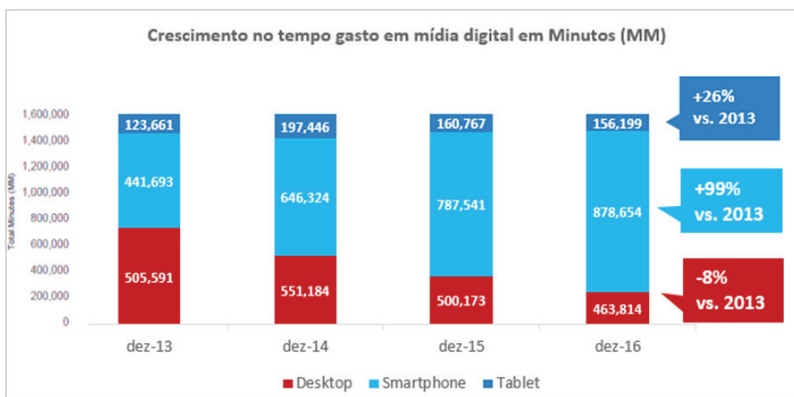


Fonte: Adaptado de *comScore Mobile Matrix*, 2017, p. 6.

O uso total de mídia digital cresceu 40% desde 2013, com o celular, especialmente os *smartphones*. Estes dados exprimem as transformações que a vida digital tem provocado no cotidiano, realçando a amplitude do uso de aparelhos celulares e, conseqüentemente de mídias móveis digitais. Conforme observa-se na Figura 2, no período de 3 anos, o tempo gasto

em mídia digital atingiu 99%, enquanto o uso de *desktops* sofreu redução de -8%.

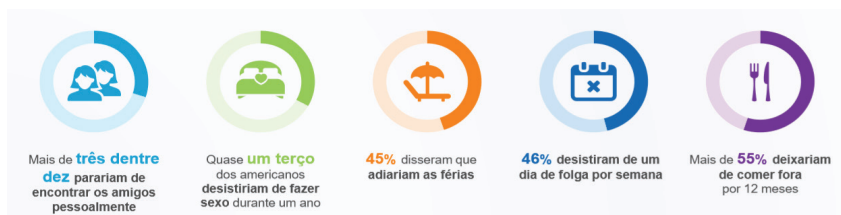
**Figura 2 - Crescimento em mídia digital**



Fonte: Adaptado de comScore Media  
Metrix Multi-Platform & Mobile Metrix, 2017, p. 5.

Os dispositivos móveis têm transformado as sociedades, desempenhando papel de destaque no cenário tecnológico, tornando-se a principal ferramenta digital utilizada pelos indivíduos contemporâneos. Essa nova configuração tem se mostrado determinante para importantes alterações nas preferências sociais, sejam individuais ou coletivas. Uma pesquisa realizada pelo ComScore (2017) revelou que os consumidores cada vez mais estão dispostos a experimentar a cultura digital, por intermédio dos dispositivos móveis, mesmo que seja necessário promover alterações na hierarquia de suas prioridades de vida, ou necessidades básicas (Figura 3).

### Figura 3 – Dispositivos móveis x necessidades básicas



Adaptado de *Boston Consulting Group (BCG)*  
in *comScore MMX Multi-Platform*, 2017, p. 10.

A evolução tecnológica, por seu lado, não se restringe tão somente ao consumo de novos e inovadores dispositivos tecnológicos; essa inclui ainda uma mudança comportamental relevante, principalmente na forma como se consome informação e tão logo adquire-se conhecimento. Nesse contexto a escola tem papel fundamental como agente formador e transformador. Os saberes alteram-se com extrema velocidade e, por conseguinte, refletem sobre as tradicionais formas de ensino (PÉREZ GÓMEZ, 2015). O *phubbing* é um novo elemento nessa paisagem, uma mudança comportamental advinda da nova era tecnológica. Esse fenômeno nos remete a refletir sobre a necessidade de abrir-se para novas educações, novos meios de ensinar e aprender.

### O fenômeno *phubbing*

O termo *phubbing* é relativamente novo e surgiu a partir de uma campanha publicitária realizada pelo *Macquarie Dictionary*<sup>1</sup> (um dicionário de inglês australiano) em busca de uma palavra que pudesse definir o ato de ignorar alguém usando como desculpa, um telefonema, mensagem ou outros através de um *smartphone*, e para tanto convidou diversos profissionais (lexicógrafos, autores e poetas) para tal desafio. Dessa

<sup>1</sup> *Macquarie Dictionary*. Disponível em <<https://www.macquariedictionary.com.au/>>. Acesso em 04 de março de 2018.



ação surgiu a palavra *phubbing*, formada a partir da junção de *phone* (telefone) + *snubbing* (esnobar). Estudos recentes têm investigado o *phubbing* no que tange às consequências do fenômeno nas relações comunicacionais e comportamentais (CHOTPITAYASU-NONDH; DOUGLAS, 2016; KARADAG ET AL., 2015, ANGELUCI; HUANG, 2015; BLACHNIO; PRZEPIORKA, 2018).

O *phubbing* apresenta-se como um desafio para os atuais sistemas educacionais, exigindo alterações substanciais nos processos formativos de futuros cidadãos. A revolução digital contemporânea requer um novo olhar sobre os processos de ensino e o conceito de aprendizagem. Pérez Gómez (2015) aponta que o ato de aprender tem deixado de ser baseado no tradicional processo de aquisição do conhecimento, para um processo de assimilação e de apropriação pessoal e sugere a busca pela chamada “aprendizagem de segunda ordem, aprender a aprender e aprender como autorregular a própria aprendizagem”. O autor ainda destaca a necessidade de redefinição do fluxo de informações na escola, primando não somente pelo simples fornecimento de conteúdo aos alunos, mas os ensinando o melhor modo de fazer uso da gama de informações e recursos que os rodeia, como avaliá-las criticamente, compartilhá-la e organizá-la. O uso indiscriminado de dispositivos móveis dentro da sala de aula, trazendo à cena o *phubbing*, tem aproximado esta nova realidade dos professores e, por conseguinte, das escolas exigindo a adequada compreensão desse recente comportamento afim de que possam se preparar e gerenciar as vivências.

Compreender o *phubbing* dentro do contexto educacional torna-se fundamental nessa era de socialização digital, auxiliando na descoberta desse

novo retrato revelado na realidade do ensino. É coerente, nesse ponto, reconhecer o admirável potencial dos dispositivos móveis em prol dos indivíduos, cuja apropriação pode representar uma nova forma de alfabetização cultural, para a qual Pérez Gómez (2015) descreve um novo processo: hoje vivencia-se uma alteração forte de papéis, onde os alunos tornam-se especialistas digitais e os adultos mero aprendizes. Esses alunos, advindos de uma nova geração, demonstram uma nova forma de viver e relacionar-se. Suas expectativas e necessidades são diferenciadas em relação às gerações antecessoras.

### **Procedimentos metodológicos**

Afim de investigar mais a fundo os aspectos que envolvem o comportamento comunicacional, o consumo de mídia móvel e a prática de *phubbing*, dentro do contexto escolar, um estudo empírico quantitativo foi desenvolvido resultando em um questionário contendo 28 (vinte e oito) questões, sendo esse dividido em 4 (quatro) blocos, a saber: (1) Perfil, (2) Relação com a tecnologia (09 questões), (3) Uso do celular na escola (12 questões) e (4) Como o celular interfere nos relacionamentos interpessoais (04 questões).

As questões analisaram o grau de concordância, frequência, preferência, ocorrência e opinião sobre questões relacionadas ao uso de celular, além de questões sobre o perfil do respondente. A partir dos dados coletados, foi elaborado um relatório técnico com o apoio de estatística descritiva básica (média, mediana, desvio padrão e cruzamento de variáveis) e extraído dados de interesse para o recorte do estudo. Para a análise dos dados, as informações foram processadas e cruzadas com o objetivo de definir cate-

gorias de análise alinhadas aos objetivos da pesquisa, bem como respaldadas nas reflexões conceituais e nas particularidades identificadas.

O questionário foi distribuído via *software* Qualtrics® para preenchimento *on-line* e a realização da coleta oficial ocorreu no período de 02 a 06 de outubro de 2017, em Escola do Estado de São Paulo, Brasil (N=384), utilizando o recurso de Laboratório de Informática. A população delimitada abrangeu alunos entre 19 e 24 anos, escolhidos de forma aleatória, pela Coordenação Pedagógica da Instituição de Ensino, do 1º. ao 3º. ano do Ensino Médio, com balanceamento entre sexo masculino e feminino, inclusive entre os anos de ensino.

## **Resultados e discussões**

### **Perfil do Entrevistado**

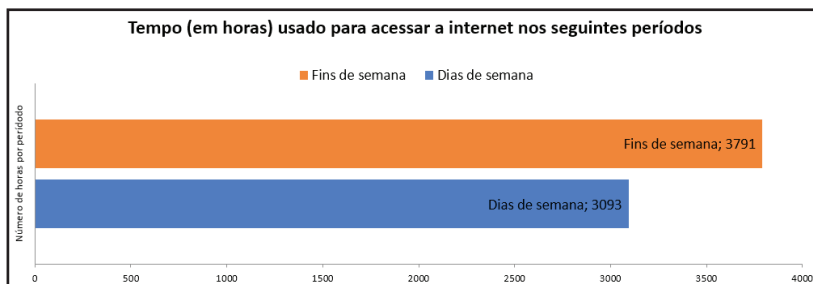
A amostra abrangeu, como participantes válidos, N=384, dos quais 41% são do gênero feminino, 56% são do gênero masculino e 2,6% declararam ser de outros gêneros. O percentual de 99,7% são residentes no Estado de São Paulo e 0,3% no Litoral de São Paulo. A faixa etária compreendeu alunos entre 19 e 24 anos de idade, inclusive.

### **Relação com a tecnologia**

O uso da Internet, a partir dos aparelhos celulares, tem se apresentado constante. A maior parcela dos entrevistados estabelece o uso, preferencialmente, aos finais de semana (Gráfico 1), no entanto observa-se quase uma equiparação com o uso durante a semana (diferença de 22,5%). Ao aprofundarmos a análise em relação ao tempo gasto para acessar

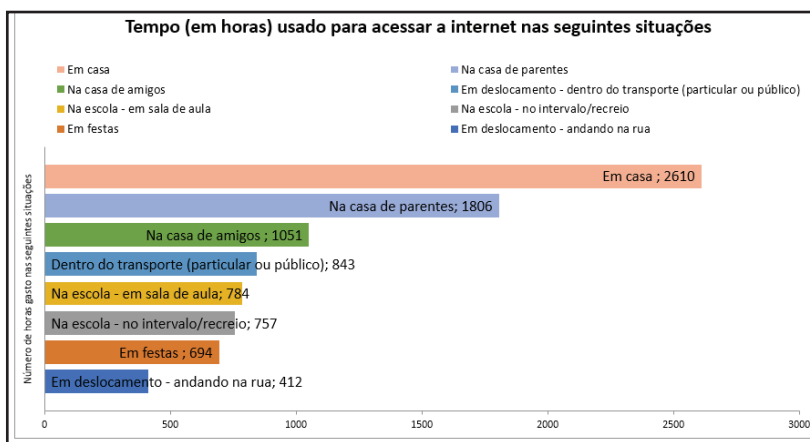
a Internet e o local onde tal acesso é efetivado, a escola encontra-se em 5º. lugar (Gráfico 2), o que pode indicar uma redução na capacidade das instituições escolares em administrar e fazer uso do conteúdo da rede mundial de computadores como auxiliar no processo de aprendizagem. Em 1º, 2º, 3º e 4º. lugares figuram os seguintes locais de acesso: suas casas, casa de parentes, casa de amigos e dentro do transporte (particular ou público), respectivamente. Esses dados corroboram para o maior uso aos finais de semana.

**Gráfico 1 – Preferência de acesso à Internet**



Fonte: próprio autor.

**Gráfico 2 – Locais preferenciais de acesso à Internet**



Fonte: próprio autor.

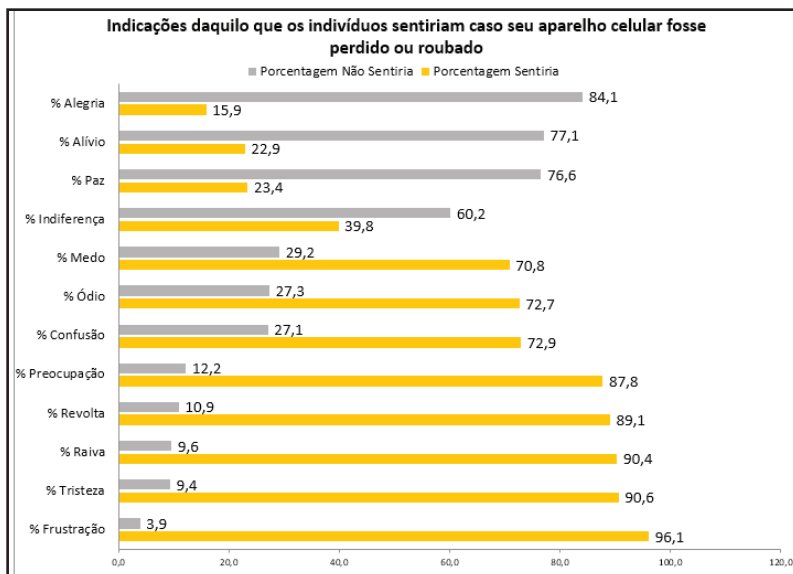
Os cinco aplicativos mais utilizados pelos jovens correspondem a: WhatsApp (61,2%), Google (47,9%), Youtube (52,9%), Netflix (27,3%) e Spotify (27,3%). Em contrapartida, os cinco aplicativos menos utilizados são: Aplicativos de Paquera (68%), Moodle ou ambiente virtual da escola (66,9%) Tumblr (61,2%), Twitter (52,1%) e Waze (48,7%).

O aparelho celular, apresentando-se como elemento que acompanha constantemente os jovens, agrega nessa relação (que a princípio deveria ser meramente funcional) sentimentos de dependência em relação ao mundo tecnológico, agora disponível 24 horas por dia e na palma da mão. Sob esse aspecto, ao serem questionados sobre quais sentimentos teriam e quais não teriam ao enfrentar uma situação que envolva perda ou roubo do seu aparelho celular (Gráfico 3), os jovens declaram que não sentiriam alegria (84,1%), alívio (77,1%), paz (76,6%) e indiferença (60,2%), no entanto sentiriam preocupação (87,8%), revolta (89,1%), raiva (90,4%), tristeza (90,6%) ou frustração (96,1%). A frustração por ter o bem distanciado de si, demonstra traços de uma relação emocional já estabelecida com o objeto, sendo impossível demonstrar alegria ou qualquer outro sentimento de afeição ou apreço ao vivenciar uma situação que os coloque distante do mesmo. Nesse ponto, convém ressaltar, que se referir ao aparelho celular como um “objeto” não parece descrevê-lo em sua totalidade. Um objeto traz uma conotação fria, de mero uso e descarte e o aparelho celular transformou-se em algo muito mais complexo, passando a ser um elemento vital e intrínseco no cotidiano dos jovens.

Os entrevistados afirmam (Gráfico 4) que o aparelho celular é útil (99%), importante (95,1%), uma

ferramenta que propicia momentos de lazer (94,3%), bom (94%), um guia (93,5%) e inteligente (90,6%).

### Gráfico 3 – Sentimento pela perda ou roubo de celular

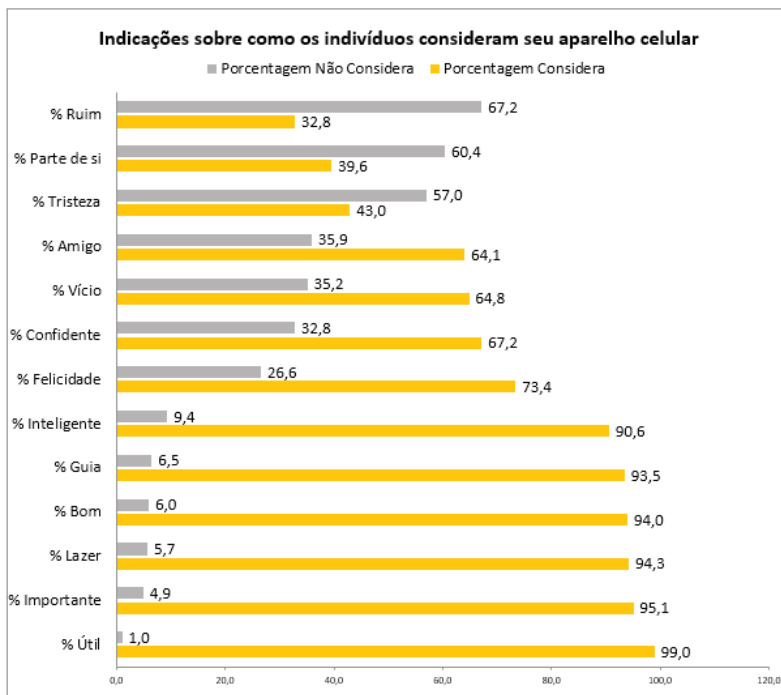


Fonte: próprio autor.

### Uso do celular na escola

Mesmo com regras impostas e proibições quanto ao uso do aparelho celular em sala de aula e ainda a indisponibilidade, em alguns casos, de Internet dentro do ambiente escolar, cerca de 90% dos jovens afirmam usar o aparelho em sala de aula com seu próprio plano de dados móveis (ou compartilhado de amigos (30,9%) e em certos casos do próprio professor (14,4%)), sendo que 46,6% usam algumas vezes, 42,2% usam poucas vezes e 5,2% usam a aula toda. Um total de 6,0% dos jovens alega nunca terem usado.

## Gráfico 4 – Sentimentos atrelados ao aparelho celular

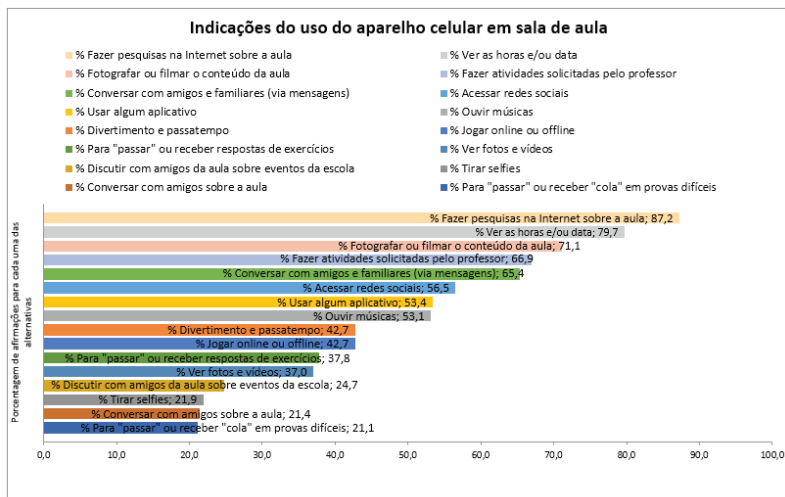


Fonte: próprio autor.

Segundo os jovens, o principal uso desses aparelhos (Gráfico 5), durante as aulas, se destina a fazer pesquisas na Internet sobre o conteúdo da própria aula (87,2%). Outros motivos também se destacam, como: ver as horas e/ou data (79,7%), fotografar ou filmar o conteúdo da aula (71,1%), fazer atividades solicitadas pelo professor (66,9%). A partir da 5ª. posição, em preferência, o uso do celular começa a ser destinado a atividades aleatórias, ou seja, fora do contexto da aula, como: conversar com amigos e familiares (65,4%), acessar redes sociais (56,5%), ouvir músicas (53,1%), divertimento e passatempo (42,7%), dentre outros. Nota-se, portanto, que os jovens ao utilizar o celular,

especificamente dentro da sala de aula, o faz, principalmente, como auxílio ao aprendizado e não unicamente para fins de entretenimento. O uso do celular para “cola” ficou em última posição (21,1%).

**Gráfico 5 – Uso do celular em sala de aula**



Fonte: próprio autor.

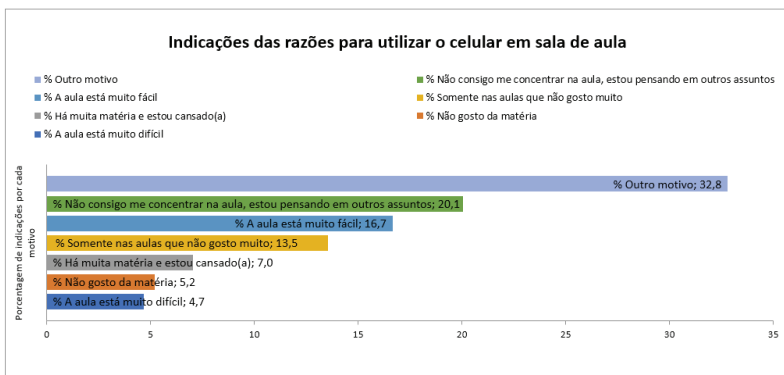
Os Gráficos 6 e 7, dispostos a seguir, trazem dados complementares à essa visão. De forma mais ampla, os jovens são inqueridos a identificar o propulsor para o uso dos celulares dentro da sala de aula. A questão aborda não somente o uso que se faz do aparelho em sala de aula, mas o gatilho que desperta sua utilização. A falta de concentração é um dos motivos de destaque, com 20,1%. Aulas difíceis não induzem ao uso (4,7%), mas quando as aulas estão fáceis há maior inclinação para o uso (16,7%). No entanto, 32,8%, o maior percentual para a questão, indicam outros motivos (Gráfico 7) para o uso do dispositivo. Grande parte desses “outros motivos” indicam que o uso do



celular ocorre em momentos de ociosidade (30%), referido pelos jovens como “não ter nada para fazer”. O “não ter nada para fazer” representa para os alunos que o professor está passando matéria na lousa, a aula está vaga, troca de professores entre as aulas, término de alguma atividade e aguardando novas orientações, professor atrasado, professor não está na sala, além de momentos iniciais e finais da aula. Esses ápices de “ociosidade” vividos pelos jovens dentro da sala de aula são propícios para efetivar o uso.

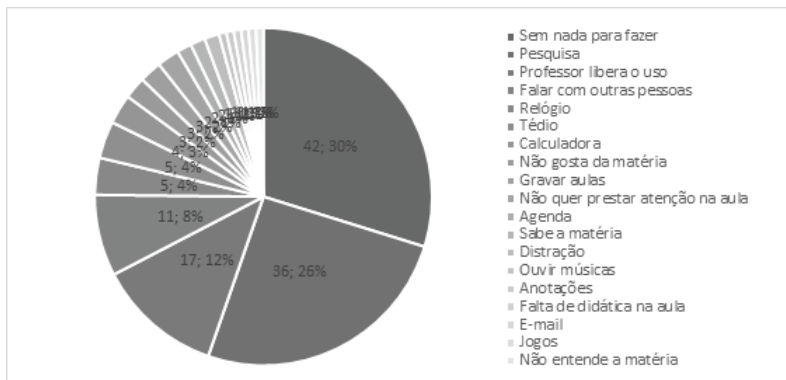
Os dados retornam (Gráfico 7), mais uma vez, o uso dos celulares para efetuar pesquisas escolares (26%), subsidiando o conteúdo ministrado em sala de aula. Essas pesquisas, executadas durante a aula, segundo os relatos, ocorrem “para tirar dúvida dos exercícios que os professores não explicam direito”, para “pesquisar coisas referentes ao dito pelo professor”, para “pesquisar algo que ajude no entendimento da matéria” e “quando preciso de um apoio intelectual para maior rendimento em aula”. Relatou-se, ainda, “falta de didática na aula”. Observa-se que o aprendizado, sob esta ótica, rompe a barreira física da sala de aula e o aluno, com o advento da Internet e a facilidade de uso dos aparelhos celulares, passa a complementar a teoria recebida por intermédio do professor, buscando outras visões e possivelmente outras formas, possivelmente mais claras, de entendimento (por meio de figuras, vídeos e materiais com linguagem mais próxima). Relatos como “não ser possível entender nada da aula”, “ajuda muitas vezes a entender a própria matéria do professor (...)”, “há matérias em que é necessário o uso para consultas” e “estou precisando pesquisar algo que eu não entendi” ratificam esse comportamento.

## Gráfico 6 – Razões para usar o celular em sala de aula



Fonte: próprio autor.

## Gráfico 7 – “Outros motivos” para uso do celular em sala de aula



Fonte: próprio autor.

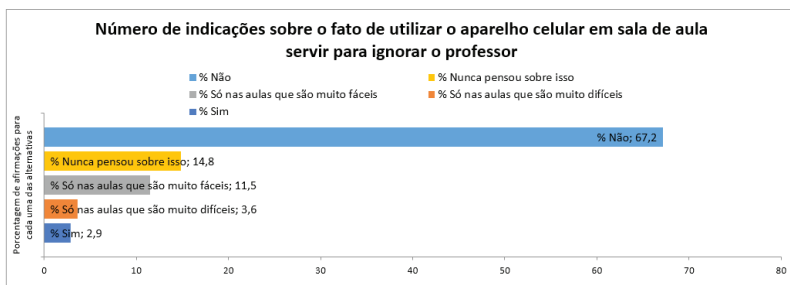
Os jovens ao serem questionados sobre terem recebido aulas com este tipo de dispositivo, 81% afirmam que sim, porém esporadicamente. Apenas 1,3% afirmam que sempre tem aulas com o suporte de celular. Na visão desses jovens seus professores são “indiferentes” (42,2%) a aplicação da tecnologia no mundo escolar. Apenas 2,6%

concordam totalmente que eles gostam de tecnologia, são modernos e inovadores e 13,3% discordam totalmente desse perfil associado aos seus professores. Os alunos sentem haver, ainda, um “abismo” entre a educação e a tecnologia, cuja aproximação dos seus vértices ainda levará tempo considerável. Uma parcela expressiva, de 81,7% de alunos, sugere que os professores usem o aparelho celular para a execução de pesquisas durante a aula e cerca de 77% desses alunos também sugerem que o celular seja usado, nas aulas, para a criação de vídeos, gifs e outros conteúdos audiovisuais, tanto por eles, quanto pelos professores, cuja divulgação poderia ser realizada por canais do YouTube e serviriam, ao final, como material de estudo para alunos da escola.

Na visão desses jovens, usar o celular dentro da sala de aula traz inovação para os conteúdos ministrados, sendo ferramenta importante para pesquisas e colaboração entre colegas (84,4%), tornando a aula mais fácil (60,4%). Os alunos declaram possuir inúmeras ideias de uso do celular em sala de aula, mas sente que a escola não incentiva tal apropriação (50,2%).

Sob a perspectiva do *phubbing*, os jovens alunos, por sua vez, afirmam que não usam o celular em sala de aula (Gráfico 8) com o objetivo de ignorar o professor (67,2%), alguns nunca, nem sequer, se atentaram a veracidade desse fato (14,8%). Explicitamente, somente 2,9% dos alunos afirmaram que praticam *phubbing* de forma intencional. Adicionalmente 11,5% informaram que usam, também intencionalmente, durante aulas consideradas “muito fáceis” (ou seja, dispersar-se não comprometeria o aprendizado) e 3,6% durante aulas “muito difíceis”.

## Gráfico 8 – Prática de *phubbing* durante as aulas



Fonte: próprio autor.

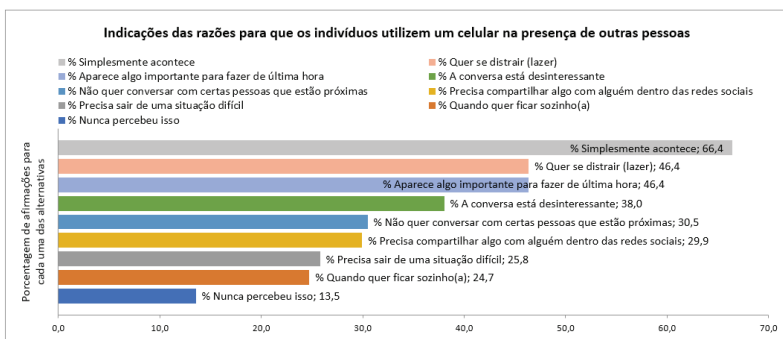
Para encerramento deste bloco, destaca-se, ainda a facilidade trazida, tanto para alunos, quanto professores, pelos aparelhos celulares dentro das instituições escolares. Os jovens declaram possuir diversos grupos de amigos da escola no celular e usam para estudar ou fazer atividades da escola à distância (77,1%), além de sempre tirarem dúvidas sobre trabalhos e provas com o apoio do dispositivo (75%). Nesses novos tempos, com o advento da Internet e elementos tecnológicos, estudar tornou-se mais fácil. A troca de conhecimentos, entre alunos e professores, converteu-se à mais acessível, ágil, simplificada e descomplicada.

## Como o celular interfere nos relacionamentos interpessoais

Num mundo cada vez mais interconectado, os relacionamentos interpessoais têm disputado, de forma acirrada, espaço com a tecnologia. As relações virtuais estão em pauta na sociedade contemporânea e se destacam pela redução de distâncias, agilidade da comunicação e pela multiplicidade de experiências tecnológicas envolvidas (som, imagem, vídeo e suas variações). Os aparelhos celulares, como dispositivo comunicacional, têm aprimorado e auxiliado os contatos virtuais, interferindo nos contatos físicos e proporcionando cada vez mais a prática de *phub-*

bing. Os jovens, grandes usuários de aparelhos celulares, relatam (Gráfico 9) não haver intenção de ignorar as pessoas (66,4%) enquanto utilizam seus dispositivos. O uso dos celulares na presença de outras pessoas, para metade dos jovens entrevistados, objetiva o lazer (46,4%) e atendimento de demandas emergenciais (46,4%). Outros motivos, em grau reduzido, apontam para uso durante conversas desinteressantes (38%), o não desejo de conversar com as pessoas próximas (30,5%), necessidade de sair de alguma situação difícil (25,8%) ou desejo de ficarem sozinhos (24,7%). Uma parcela menor, 13,5%, nunca percebeu que estão praticando *phubbing*.

**Gráfico 9 – Motivos para prática de *phubbing***

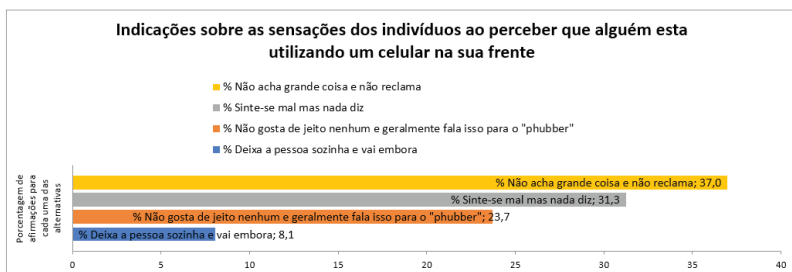


Fonte: próprio autor.

Se a prática de *phubbing*, por sua vez, não é intencional ou reconhecida pelos jovens, sofrer *phubbing*, ou seja, ser ignorado por alguém enquanto esse utiliza um dispositivo móvel, também não é tão relevante para os entrevistados (Gráfico 10). O total de 37% dos jovens afirmou não se importarem em sofrer tal situação, bem como não contestaram no ato. Apenas 8,1% tomariam a atitude de ausentar-se durante a conversa, deixando o *phubber* sozinho.

Uma parcela de 31,3% sente-se mal ao serem ignorados, no entanto não tomam nenhuma atitude específica afim de minimizar ou extinguir a prática. Somente 23,2% afirmam que reclamariam no ato.

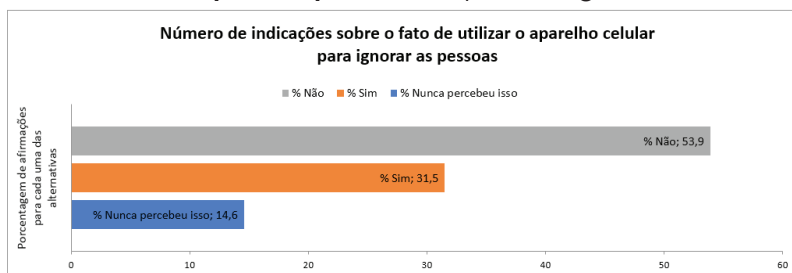
### Gráfico 10 – Sensações ao sofrer *phubbing*



Fonte: próprio autor.

Ao serem questionados objetivamente sobre o uso do aparelho celular para a prática de *phubbing* (Gráfico 11), mais uma vez obtém-se a negativa para esse comportamento. Os jovens (53,9%) afirmam que não utilizam o celular para ignorar as pessoas, sendo que além desse percentual, 14,6% declararam nunca terem percebido tal atitude. Um total de 31,5% confirma praticar *phubbing* conscientemente.

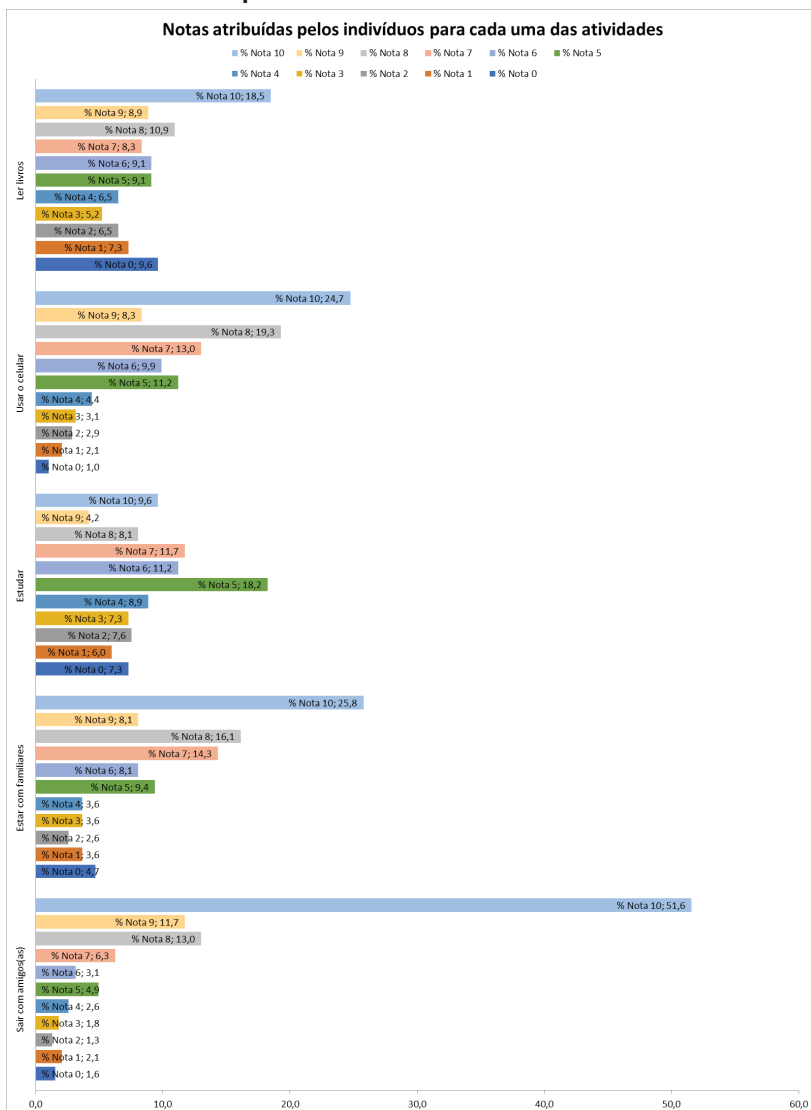
### Gráfico 11 – Uso do aparelho celular para a prática de *phubbing*



Fonte: próprio autor.

O *phubbing*, independentemente da maneira como ele é percebido nas relações, é agente para a melhor compreensão das alterações em nossa sociedade, principalmente no que tange o comportamental dos indivíduos e a maneira como as relações presenciais tem sido tomada. Nesse âmbito os jovens nos revelam que o celular passou a compor o rol de prioridades de suas vidas (Gráfico 12). Usar o celular ocupa o 3º lugar, com 24,7%, na preferência dos entrevistados, em detrimento a “sair com amigos” (51,6%) e “estar com familiares” (25,8%). Note a grande aproximação entre a preferência por “estar com os familiares” e “usar o celular” (uma diferença de 1,1%). Atividades como “ler livros” (18,5%) e “estudar” (9,6%) foram renegadas as 4º. e 5º posições, respectivamente. Outro ponto importante a ser destacado é a preferência por “estudar”. Dentre as 5 (cinco) opções disponíveis para escolha, figurou na última posição e o celular, mais uma vez, se sobrepôs ao ensino, ou parece aos jovens mais interessante ou profícuo. No entanto é justo observar que o celular, de acordo com os dados, não substitui o relacionamento interpessoal. Mesmo que os jovens considerem seu aparelho celular como um “amigo” (64,1%) e um “confidente” (67,2%), o ato de “sair com amigos” ainda se apresenta atraente.

## Gráfico 12 – Preferência dos jovens por atividades x celular



Fonte: próprio autor.



Estar conectado, conforme demonstra os dados, tem influência sobre a qualidade dos relacionamentos interpessoais. A prática do *phubbing* é real, intencionalmente ou não, no entanto os indivíduos encontram-se por vezes tão imersos no mundo virtual e acostumados com esse novo padrão de comportamento (que inclusive praticam), que sequer se importam em serem ignorados ou ignorarem outrem em situações presenciais. Chega-se a respeitar o “momento” e “privacidade” do outro, quando este faz uso do aparelho celular durante uma interação pessoal.

Esse novo comportamento reflete uma expressiva transformação comportamental sofrida pela sociedade atual. Alteração essa nem sempre percebida pelos indivíduos, uma vez que se encontram sob imersão e inebriados pelas peculiaridades desse mundo inédito.

## **Discussão e considerações finais**

A era da informação já é uma realidade na sociedade contemporânea e as TICs exercem forte presença nesse novo cenário. As TICs propiciam aos indivíduos e sociedade em geral, facilidades nunca imaginadas. O uso de dispositivos móveis, particularmente de aparelhos celulares, tem se intensificado e evoluído exponencialmente, representando um caminho sem volta. No entanto, seguir nesse novo caminho requer, primordialmente, o rompimento de velhos paradigmas e o estabelecimento de uma nova mentalidade: conexão e interatividade.

Hoje o setor educacional vivencia um dilema. De um lado há uma pressão considerável, da própria sociedade, afim de que essas instituições alterem a forma como fazem educação e estimulem novas formas

de aprender, mas de outro lado precisam apreender meios eficazes para que a tecnologia seja introduzida eficientemente dentro da sala de aula. É imperativo que o sistema educacional no Brasil reconheça a inevitabilidade desse novo cenário tecnológico, que inclusive já afetou o mercado de trabalho. A forma como os alunos são preparados para enfrentar esse novo mundo, fora dos limites da escola, também deve ser repensada e aprimorada. As escolas precisam dar conta da formação das novas gerações. Os empregos dessa nova era têm exigido pensamento multifacetado e habilidade para resolução de problemas complexos (PÉREZ GÓMEZ, 2015).

No entanto inserir a tecnologia, dentro das escolas, sem propósito claro, não é o melhor caminho. Muitas instituições de ensino se intitulam altamente tecnológicas, pelo fato de ofertarem aos seus alunos um extenso parque computacional, e não rara, às vezes, nesse emaranhado tecnológico, perdem a mão das ações efetivamente pedagógicas e norteadoras de um saber reflexivo e diferenciado. As escolas necessitam compreender que a maneira como as informações são compartilhadas e a forma como o conhecimento é construído mudaram, transformaram-se. Os alunos, por sua vez, já se veem de forma diferenciada. Conseguem, com grande flexibilidade e naturalidade, fazer a conexão entre o físico e o digital (PÉREZ GÓMEZ, 2015). Para aprender já fazem uso tanto de conteúdo disponível em um livro físico quanto, em mídias digitais, com acesso por meio de um aparelho celular. O aprendizado já rompeu as paredes da sala de aula.

O ponto relevante dessa discussão é como desenvolver experiências inovadoras e estimulantes

dentro da sala de aula. Esse tipo de mudança, para muitas escolas no Brasil, nem sempre é visualizada positivamente. Uma parcela dos professores sente-se pressionados e desconfortáveis no acolhimento inusitado dessa nova perspectiva pedagógica. Há um sentimento de autodesvalorização frente a tecnologia, como se essa ameaçasse seu trabalho e, muitas vezes, seus valores e princípios, fragilizando sua formação anterior. No entanto, nesse quadro o professor é figura capital para engendrar essa nova conjuntura do saber. Ele tem a oportunidade única de inovar dentro do âmbito do ensino, ampliando a atividade docente, deixando de ter enfoque demasiado na transmissão de conteúdo (agora já disponível no aparelho celular) e migrando para o desenvolvimento de novas habilidades nos alunos. Esse novo professor, do século XXI, deve estar aberto ao novo e às novas possibilidades, sem medos ou receios na criação de um novo ambiente de aprendizagem que atenda as demandas do contemporâneo. Esse novo profissional deve ser capaz de inspirar inovação e motivação entre os alunos, estimulando-os ao uso consciente e crítico da tecnologia. E para o rompimento dos paradigmas tradicionais da educação, não é necessário o emprego de tecnologia de última geração, nem tampouco deter conhecimentos digitais avançados, mas é essencial a existência e participação de professores motivados, inovadores e que sejam capazes de inspirar os jovens alunos. Muito mais do que formação de professores, é necessário motivação.

Ao enfatizarmos a necessidade de repensar ou introduzir a presença da tecnologia dentro das salas de aula como ferramenta para flexibilização e inovação do ensino, alcançamos o objeto desse estudo:

o *phubbing*, O *phubbing*, possivelmente, seja um dos principais motivadores (senão o principal) para o bloqueio e recusa dos aparelhos celulares no ambiente educacional. Compreendido sob viés negativo pelos educadores, o *phubbing* traz à tona a real necessidade de se reconsiderar o uso efetivo dos dispositivos móveis em prol da educação. Hoje, como as instituições escolares, em sua grande maioria, proíbem o uso dos aparelhos celulares em sala de aula, o uso inevitável desses é realizado pelos alunos indiscriminadamente, sem controle e para os mais diversos fins. Os professores lutam, aula a aula, contra o uso e quase sempre vem perdendo essa batalha.

O *phubbing* não representa inabilidade do professor em lidar com a presença do celular dentro da sala. Falar em inabilidade, nos direciona a pensar em habilidades e competências profissionais e não é disso que se trata. O *phubbing* é algo superior. Advêm de uma demanda contemporânea vultuosa: ser digital, estar conectado. E a escola e os professores simplesmente não estão preparados para lidar com algo que não fez parte do repertório de sua criação e formação.

Esse estudo descobriu um aluno altamente conectado, fazendo uso acentuado de dispositivos móveis, na busca por alternativas diferenciadas de aprendizagem e disposto ao novo. São jovens, nativos digitais, que vivenciam e experimentam a tecnologia em diversas esferas de suas vidas e não estão dispostos a abrir mão do que já consideram como prioridade. São intensamente ligados ao seu aparelho considerando-o como um amigo e guia, além de inteligente, útil e importante. Sentimentos negativos como frustração, tristeza, raiva e revolta são destacados ao

mencionar um possível afastamento do aparelho. O uso é tão expressivo, que ocorre indistintamente, seja durante a semana ou final de semana.

No campo educacional, esses jovens ainda não visualizam sua escola e professores como adaptados à esta nova realidade. Para eles seus professores são considerados “atrasados” em relação ao uso que fazem da tecnologia. Apresentam, ainda, grande interesse e dispõem de muitas ideias para o uso pedagógico do celular em sala de aula, no entanto não são “ouvidos”. Dentro da sala de aula, apesar de proibido ou da existência de regras específicas, seguem suas próprias diretrizes no uso de aparelhos celulares, usando artifícios diversos para ocultá-los frente aos professores que, por sua vez, relutam diariamente com os dispositivos e em algumas situações apenas “fingem” não observar o comportamento.

Independentemente do papel que vem sendo desempenhado pela tecnologia dentro das escolas (implementada ou não) e ainda os elementos envolvidos no uso massivo de dispositivos móveis, os resultados desse estudo indicam que o aparelho celular é usado constantemente dentro da sala de aula por cerca de 90% dos jovens entrevistados, sendo que 46% afirmam utilizá-lo “algumas vezes”. Ou seja, com ou sem autorização, o celular já figura na paisagem escolar.

A principal atividade executada por estes jovens, ao fazer uso do aparelho celular em aula, trata-se da pesquisa escolar (o Google é o segundo aplicativo mais utilizado pelos adolescentes, com 47,9%). O dispositivo, com acesso à Internet, é usado para aprofundamento em temas que estão sendo discutidos/tratados durante a aula, e o aluno ao invés

de questionar o professor acerca de suas dúvidas ou curiosidades, opta por realizar a consulta, individualizada, via aparelho celular (os alunos não foram questionados quanto a criticidade na escolha da fonte de informação). Grande parte dos alunos declararam que seus professores já utilizaram algumas vezes (81%) o celular como dispositivo auxiliar às aulas. Outro aspecto a ser observado, nesse tocante, é a finalidade de acesso ao celular dentro da sala de aula pelos jovens. Em grande parte das vezes acessar o aparelho refere-se ao atendimento de um impulso quase que involuntário, deflagrado pelo instinto de repetição e sem motivo aparente ou válido, que justifique seu uso durante a aula. Segundo os jovens, o uso indiscriminado dos dispositivos móveis predomina em aulas consideradas fáceis (logo não necessitando de grande atenção) ou ainda nas aulas classificadas com conteúdo de difícil compreensão. Ambas situações são capazes de verter os jovens para assuntos rotulados como interessantes em seus aparelhos celulares. Uma parcela menor indica que o uso do celular ocorre para fins de entretenimento, o que envolve relacionamento (familiar e amigos) e diversão (*games on-line*, músicas, fotos).

Para os jovens alunos o *phubbing* apresenta-se como uma prática desconhecida em suas interações escolares, ou seja, ao fazer uso de aparelhos celulares durante as aulas e na presença dos professores, não há intenção verdadeira de ignorá-los. Na visão dos professores, fatalmente a ação ocorre, corriqueiramente, dentro dos espaços escolares, principalmente durante as aulas. Na contramão, os alunos não compreendem o ato sob o viés negativo e, por vezes, insalubre. Apenas acontece e não há motivos claros

ou aparentes para tal. Sob o mesmo prisma encontram-se seus relacionamentos interpessoais em geral, quanto visualizados sob a prática de *phubbing*.

Verza (2008, p. 14) destaca que "uma das principais características resultantes do avanço da tecnologia midiática na comunicação humana são as relações virtuais estabelecidas por seus usuários". Nesse tocante, o aparelho celular, muito além de um instrumento destinado à comunicação móvel, transformou-se na extensão do homem (MCLUHAN, 1969), mantendo-se presente integralmente no cotidiano dos indivíduos, sendo considerado, não raras as vezes, como um novo membro do corpo humano, ou seja, indissociável, valioso e inerente à vida. Essa nova concepção, que retrata a integração dos dispositivos móveis às nossas vidas, tem ocasionado nos indivíduos, sentimentos fortes, que referenciam dependência digital, principalmente no tange ao estabelecimento e manutenção de relações virtuais, oferecida por aplicações como *WhatsApp* (61,2%) e *Facebook* (16,7%) e, ainda, para entretenimento por intermédio de aplicativos como: *Youtube* (52,9%), *Netflix* (27,3%) e *Spotify* (27,3%). Ademais, os cinco principais sentimentos que os levam a fazer uso do dispositivo são: o tédio (80,5%), ociosidade (69,3%), curiosidade (57,3%), felicidade (54,9%) e isolamento (49,7%).

As instituições de ensino, frente aos desafios imputados pela era digital, buscam manter o controle da situação e em se tratando do uso de celulares durante as aulas, tem estabelecido regras claras de conduta para os alunos. Tão logo, os jovens alunos relatam dispor de amplo conhecimento das condições a serem respeitadas para o bom aproveitamento das aulas, compreendendo os imbróglis advindos do uso

inadvertido ou inadequado dos dispositivos móveis durante as aulas. Todavia, apesar da clareza, para ambas as partes, da relação esperada entre aluno e instituição de ensino, a cultura digital progressivamente penetrou o cotidiano dos jovens, forçando-os à uma alteração de identidade, cujos novos hábitos e anseios, invariavelmente, também adentraram o universo escolar. Muitas escolas não liberam (49,2%) o uso de Internet e 70,6% dos alunos dessas declaram que estão sujeitos a regras para uso do celular dentro da sala de aula. Os jovens consideram o celular como um elemento prioritário colocando-o em 3º lugar frente ao hábito de ler livros (4º. lugar) e até mesmo de estudar (5º lugar). O celular ainda não é mais importante do que os relacionamentos interpessoais (sair com amigos e estar com familiares).

Inúmeros desafios ainda precisam ser superados até que ocorra a efetiva integração das TICs no ambiente escolar, principalmente em relação a ampliação do acesso à redes e dispositivos. Também não é justo afirmar que as instituições de ensino se encontram isoladas e que não sofram intervenção da cultura digital. Independentemente das ações promovidas pelas instituições em prol das TICs, professores e alunos, de forma espontânea, tem procurado promover a integração das tecnologias à educação (dentro e fora da escola), aprimorando o processo de ensino-aprendizagem.

## Agradecimentos

Este estudo teve apoio do Edital CNPq Universal (Processo nº 424802/2016-3) e do National Science Centre (Narodowe Centrum Nauki), Polônia (Processo nº 2017/25/B/HS6/01517).



## Referências

ANGELUCI, Alan César Belo; GALPERIN, Hernán. O consumo de conteúdo digital em lan houses por adolescentes de classes emergentes no Brasil. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 9, n. 17, 2014.

ANGELUCI, Alan César Belo; HUANG, Gejun. Rethinking media displacement: the tensions between mobile media and face-to-face interaction. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 22, n. 4, 2015.

BLACHNIO, Agata; PRZEPIORKA, Aneta. Be aware! If you start using Facebook problematically you will feel lonely: Phubbing, loneliness, self-esteem, and Facebook intrusion. A cross-sectional study. **Social Science Computer Review**, p. 0894439318754490, 2018.

COMSCORE. **Cross-Platform Future in Focus**. U.S., 2017.

CHOTPITAYASUNONNDH, Varoth; DOUGLAS, Karen M. How “phubbing” becomes the norm: The antecedents and consequences of snubbing via smartphone. **Computers in Human Behavior**, v. 63, p. 9-18, 2016.

FLORIDI, Luciano. **The Online Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era**. Springer Cham Heidelberg New York Dordrecht London, 2015.

HJARVARD, Stig Prof. **The mediatization of culture and society**. Routledge, 2013.

KARADAČ, Engin et al. Determinants of phubbing, which is the sum of many virtual addictions: A structural equation model. **Journal of behavioral addictions**, v. 4, n. 2, p. 60-74, 2015.

KATZ, J.E.; AAKHUS, M. **Perpetual contact: Mobile communication, private talk, public performance**. Cambridge University Press, 2004.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem: understanding media**. Editora Cultrix, 1969. 408p.

SILVANA COMUNIAN SOARES, ALAN CÉSAR BELO ANGELUCI  
ADRIANA BARROSO AZEVEDO

PASSARELLI, Brásilina; ANGELUCI, Alan César Belo. Conectividade contínua e acesso móvel à informação digital: jovens brasileiros em perspectiva. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 28, n. 2, 2018.

PASSARELLI, Brásilina; JUNQUEIRA, Antonio Hélio; ANGELUCI, Alan César Belo. Os nativos digitais no Brasil e seus comportamentos diante das telas. **Matrizes**, v. 8, n. 1, p. 159-178, 2014.

PÉREZ GÓMEZ, A.I. **Educação na era digital**: a escola educativa. Porto Alegre : Penso, 2015. 192p.

VERZA, F. **O uso do Celular na Adolescência e sua Relação com a Família e Grupo de Amigos**. Rio Grande do Sul: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.